

# Miguel Torga – A Baco

Vou-te cantando, Baco!  
Não pela colheita de hoje, que é pequena,  
Mas pela de amanhã, muito maior!  
Vou-te pondo nos cornos estas flores,  
Que não querem ser líricas nem puras,  
Mas humanas, sinceras e maduras.

Vou-te cantando, e vou cantando o sol,  
A terra, a água, o lume e o suor.  
Vou erguendo o meu hino  
Como levanta a enxada o cavador!

Lá nesse Olimpo em geios,  
Único Olimpo etéreo em que acredito,  
Aí me prosterno, rendo e te repito  
Que és eterno,  
Mais do que Deus e mais do que o seu mito!

Beijo-te os pés – os cascos de reixelo;  
Olho-te os olhos de pupila em fenda;  
E sabendo que és fauno, ou sátiro ou demónio,  
Sei que não és mentira nem és lenda!

Dionisos do Douro!  
Pêlos no púbis como um homem,  
Calos nas mãos ossudas!  
E bêbado de mosto e de alegria,  
À luz da negra noite e do claro dia!

Cachos de alvaralhão de cada lado  
Da marca universal da natureza!  
Ela, roxa e retesa  
Como expressão da vida!  
À beleza  
Sempre no seu lugar, erguida!

E folhas de formosa pelos ombros,  
Pelos rins, pelos braços,  
Por onde a seiva rasga o seu caminho.  
E a cabeça coberta  
De cheiro a sémen e a rosmaninho!

Modula a sensual respiração  
Do arcaboijo fundo do teu peito  
Uma flauta de cana alegre e musical.  
E és humano,  
Quanto mais és viril e animal!

Eis os meus versos, pois, filho de Agosto  
E dos xistos abertos!  
Versos que não medi, que não contei,  
Mas que estão certos,  
Pela sagrada fé com que tos dei!

**Miguel Torga, Poesia Completa**